

Conceição Tavares faz 80 anos e festa reúne, no Rio, Serra e Dilma

Lista de convidados da economista inclui Luciano Coutinho, Lessa e Belluzzo

Liana Melo

• Vai ser uma festa de arromba. Daquelas que, se não entrar para a história, ficará para sempre na memória dos cerca de 200 convidados presentes ao aniversário de 80 anos da economista Maria da Conceição Tavares. A festança será exatamente como ela planejou: rodeada de filhos (Laura e Bruno), netos (Leon e Ivan) e amigos. Considerada decana de uma legião de economistas brasileiros, Conceição vai juntar “seus meninos”, como carinhosamente fala da sua enorme lista de ex-alunos.

De economistas ilustres a pré-candidatos à Presidência da República, já confirmaram presença os adversários políticos Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB). Na lista de convidados, está o presidente do BNDES, Luciano Coutinho, o ex-presidente do banco Carlos Lessa, além do reitor da UFRJ, Aloísio Teixeira, os professores da Unicamp, João Manoel de Mello e Luiz Gonzaga Belluzzo. Sem falar de peemedebistas históricos, como Rafael de Almeida Magalhães. Procurada, a professora não quis falar sobre o assunto.

A festa vai ser hoje e está marcada para as 20h, na Casa do Minho, no Cosme Velho, Zona Sul do Rio. Conceição nasceu em 24 de abril de 1930.

— A Conceição é uma amiga e uma grande professora. É uma guerreira. Devemos agradecer a Portugal por ter nos presenteado com essa brasileira — declarou Dilma.

A escolha do local traduz à perfeição o estilo de Conceição. Uma comemoração luso-brasileira para a aniversariante que nasceu portuguesa, na região de Aveiro, mas adotou a cidadania brasileira, três anos após desembarcar no Brasil em 1954.

O economista e ex-aluno José Luís Fiori resume a professora Emérita da UFRJ como “matemática, economista, intelectual com vasta formação histórica, filosófica e literária, professora, militante, deputada federal, torcedora fanática do Vasco e admiradora da Mangueira”.

No texto dedicado a ela, intitulado “À mestre, com carinho” — numa alusão ao clássico do cinema ‘Ao Mestre, Com Carinho’, de 1967 — Fiori remete a uma das características menos conhecidas de Conceição. A professora é cinéfila de carteirinha.

Professora prepara ensaio sobre América do Sul

“Poucos professores no mundo, ao chegar aos 80 anos, poderão assistir uma eleição da importância da que ocorrerá no Brasil, em 2010, e saber que os dois principais candidatos à Presidência da República foram seus alunos, e se consideram, até hoje, seus discípulos”. É assim que Fiori termina sua homenagem à Conceição, que prepara um ensaio sobre América do Sul para entrar no livro que o professor da UFRJ lança este ano.

— Pode ser até que os pré-candidatos não se encontrem na festa. Mas o simples fato de

terem confirmado presença demonstra a enorme capacidade de Conceição de aglutinar admiradores, mesmo sendo polêmica — avalia João Saboia, diretor do Instituto de Economia (IE) da UFRJ.

A roupa para a festa e os sapatos foram escolhidos a dedo para evitar qualquer desconforto na festa. Aos amigos mais próximos, Conceição avisou que quer dançar. Se depender da trilha sonora, ninguém ficará parado. Amante da Bossa Nova, o cardápio musical incluirá ainda “New York, New York” e até frevo. Os mais íntimos garantem que é uma homenagem à amiga Hildete Pereira, professora da UFF e que fez a lista de convidados.

Filha de mãe católica e monarquista e de um pai anarquista, Conceição teria aprendido, ainda na infância, a conviver com as divergências ideológicas e uma ligeira “rebeldia anárquica”, como costuma comentar Fiori.

Conceição é uma mulher que nunca teve problema em desancar publicamente o que discordava. Foi o caso de Marco

Lisboa, que, em 2003, era secretário de Política Econômica e um dos autores do documento “Política econômica e reformas estruturais”, divulgado pelo Ministério da Fazenda: “Quase tive um ataque quando li aquilo! Estou histérica”, declarou na época. O documento defendia a focalização dos programas sociais. E definiu o ex-aluno como “um bom menino que adorava fazer modelos matemáticos e adora até hoje”.

Críticas até aos aliados mais próximos

Nem mesmo o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, de quem foi aliada desde o primeiro momento, ficou a salvo. Em 2008, ela chamou de “imbecil” a política de juros.

Até hoje é vista como a maior representante do pensamento da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), celeiro de teses do desenvolvimento apoiado na industrialização voltada para o mercado interno. Foi lá que conheceu os mestres Celso Furtado, Aníbal Pinto e Raul Prebisch.

País precisa de uma Belo Monte por ano (Sabrina Craide)

O crescimento da economia brasileira vai levar a um aumento no consumo de energia e o país vai precisar a cada ano de cerca de 4 a 5 mil MW de capacidade nova instalada. Isso equivale à quantidade de energia estimada para a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, que deverá entrar em operação em 2015. A avaliação é do coordenador do Grupo de Estudos do Setor de Energia Elétrica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Gesel-UFRJ), Nivalde de Castro

Para ele, o resultado do leilão de Belo Monte, realizado na última terça-feira, 20 de abril, foi positivo porque a tarifa, de R\$ 77,97 por megawatt-hora, é considerada boa para o consumidor brasileiro. “Essa usina, bem como as usinas de Jirau e Santo Antônio [no Rio Madeira, RO], vai reafirmar a matriz hidrelétrica brasileira, que é limpa, renovável e apresenta uma tarifa muito barata”, diz.

Castro lembra que, em 2007 e 2008, quando o Brasil não tinha projetos de hidreletricidade para levar a leilão, por causa da paralisação dos estudos de inventário, o país foi obrigado a contratar 7 mil MW de termelétricas a óleo, energia considerada mais cara e mais poluente. Para ele, o Brasil tem a melhor matriz elétrica do mundo.

Segundo Castro, as tentativas de barrar judicialmente a obra não terão sucesso. “É um empreendimento que o Brasil precisa, tem um peso muito importante para o desenvolvimento do país. Isso é o que move a AGU [Advocacia-Geral da União] para evitar qualquer imbróglio que venha a prejudicar a construção desse empreendimento”.

A capacidade total instalada da usina será de 11,2 mil MW, mas a energia assegurada, ou seja, aquela que pode ser garantida, prevendo os períodos de seca, será de 4,5 mil MW médios.

Formação de grupo vencedor de Belo Monte foi estimulada pelo governo, diz especialista

(Sabrina Craide)

A formação do consórcio Norte Energia, que venceu o leilão da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, foi o resultado de uma reação do governo à pressão das grandes construtoras para aumentar o preço-teto do megawatt-hora do leilão. Assim, o governo estimulou a formação de um grupo de empresas menores, considerado o “azarão” do leilão, que venceu a disputa buscando um modelo de contratação diferenciado.

A informação é do coordenador do Grupo de Estudos do Setor de Energia Elétrica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Gesel-UFRJ), Nivalde de Castro. Ele explica que o modelo de contratação de Belo Monte será idêntico ao já adotado para a Usina Hidrelétrica de Jirau, no Rio Madeira (RO): não há uma construtora com um contrato de preço fixo para fazer a obra, mas várias empresas de engenharia, o que diminui o risco do empreendimento e reduz o custo da obra.

“O consórcio comandado pela Chesf [Companhia Hidroelétrica do São Francisco] foi estimulado a ser agressivo no leilão para buscar uma outra forma de contratação que permitisse ser competitivo e ganhar o leilão”, avalia Castro.

O especialista avalia que as construtoras Odebrecht e Camargo Corrêa, que desistiram de disputar o leilão de Belo Monte, poderão entrar no projeto mais tarde, como responsáveis por uma parte da obras. Segundo ele, a entrada da Eletronorte como sócio estratégico, anunciada pouco depois do leilão, será fundamental para dar viabilidade ao projeto.

“Isso já era esperado, a Eletronorte iria entrar em qualquer consórcio que ganhasse porque ela é a empresa que melhor conhece o empreendimento. Ela é um sócio estratégico, por isso não entrou em nenhum consórcio antes”, explicou.